

A luta de Chávez

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S. Paulo, 22.10.2012

Sua retórica dá a impressão de que ele vá implantar o socialismo, mas seus atos deixam claro que não

Se as liberdades e o sufrágio universal estão assegurados, a democracia, garantida, e os cidadãos não estão ameaçados de serem expropriados por políticos revolucionários, não há razão para cidadãos dotados de espírito republicano votarem e candidatos que defendem os interesses dos ricos. Eles estarão agindo de acordo com os princípios da justiça se escolherem candidatos razoavelmente competentes que estejam comprometidos com os interesses dos pobres. Estas considerações podem ser relevantes para eleitores de classe média decidirem seu voto, mas o que afinal decide as eleições é o voto dos pobres, como acabamos de ver na reeleição de Hugo Chávez na Venezuela.

Sua nova vitória em eleições presidenciais comprovou que a Venezuela é uma democracia, que os pobres lograram votar de acordo com seus interesses. Mas mostraram também que os venezuelanos de classe média que nele votaram defenderam os interesses da maioria ao invés de seus interesses oligárquicos, e, assim, agiram de acordo com o critério republicano de defender o interesse público.

Chávez não é um revolucionário, mas um reformador. Sua retórica relativa ao “socialismo bolivariano” causa a impressão que está prestes a implantar o socialismo na Venezuela, mas seus atos deixam claro que não tem essa intenção nem esse poder. Essa mesma retórica alimenta a oposição local e dos Estados Unidos – uma potência imperial que, desde que ele foi eleito pela primeira vez, procura desestabilizá-lo.

Mais importantes que sua retórica, porém, são suas ações de governo, e estas apresentaram resultados impressionantes. A renda per capita que, em 1999 era de 4.105 dólares, passou a 10.810, em 2011; a pobreza extrema foi de 23,4% da população para apenas 8,8%; e o índice de desigualdade caiu de 55,4 em 1998 para 28%, em 2008, com Chávez.

A Venezuela é um país muito difícil de governar porque pobre e heterogêneo.

E os interesses em torno do petróleo são enormes. Nesse quadro de dificuldades, Chávez vem representando de forma exemplar a luta de uma coalizão política desenvolvimentista formada por empresários (poucos), trabalhadores e burocracia pública contra uma coalizão liberal e dependente formada por capitalistas rentistas, financistas, e pelos interesses estrangeiros; a luta de um país pobre para realizar sua revolução nacional e capitalista e melhorar o padrão de vida de seu povo.

Nas últimas eleições o establishment internacional voltou a apoiar o candidato da oposição. Mas o que tem sido a oposição “liberal” na Venezuela desde a Segunda Guerra Mundial? Tem sido, essencialmente, uma oligarquia corrupta que durante 50 anos se alternou no poder em um simulacro de democracia; uma elite econômica que reduziu a política à partilha das rendas do petróleo entre seus membros; um governo de ricos que se submeteu sempre às recomendações de política econômica vindas do Norte, e apresentou, entre 1950 e 1999, a mais baixa taxa de crescimento do PIB da América Latina.

O establishment internacional ainda não foi vencido na Venezuela, e a nação venezuelana não está consolidada. Chávez contou com a ajuda dos preços elevados do petróleo para realizar um governo desenvolvimentista e social.

Não terá sempre essa ajuda. Mas últimas eleições mostraram que o povo venezuelano construiu uma democracia melhor do que aquela que o nível de desenvolvimento do país deixaria prever. E que esta democracia é o melhor antídoto contra a oligarquia interna e o neoliberalismo importado.